

LIDERANÇA POLÍTICA E IMPRENSA: os frutos colhidos pelo integralismo

RODOLFO FIORUCCI*

A Ação Integralista Brasileira foi um dos movimentos de massa de maior destaque na história nacional do século XX, beirando um milhão de militantes, segundo fontes integralistas. Sem dúvida, essa quantidade relevante de seguidores deveu-se em grande parte pela ação de sua imprensa que, por meio de seus jornais, revistas, folhetos e panfletos, conquistou grande número de simpatizantes, levando a palavra de Plínio Salgado e a ideologia do movimento para todos os rincões do país.

Cabe aqui entender que o jornalismo da AIB foi gestado aos poucos, antes mesmo de se imaginar a criação do movimento. Isso porque o chefe nacional da AIB, Plínio Salgado, seus imediatos, Gustavo Barroso e Miguel Reale, além de alguns importantes nomes do movimento, tiveram ligação com as letras e a política desde muito jovens, o que os imiscuiu nos meandros da vida pública e da arte discursiva. Aprenderam a se valer das palavras para conduzir a opinião social, angariando, em muitos momentos, seguidores e admiradores fieis.

Aqui uma ressalva: afirmar que a estrutura da imprensa integralista tenha sido iniciada ainda na prática dos líderes do movimento, antes mesmo da existência da AIB, não significa homogeneizar ideologicamente suas posturas ao longo do tempo. Claro que em cada momento de suas histórias políticas atuaram em grupos ou periódicos de linhagens ideológicas distintas, vivendo experiências das mais variadas, inclusive com simpatias ao comunismo e socialismo, casos de Reale e Barroso.

O que interessa é perceber a maneira como as atividades precedentes dos líderes da AIB foram importantes para a formação de suas personalidades e, mais que isso, cruciais para a preparação de suas veias literárias e políticas, qualidades inegavelmente poderosas para sujeitos que pretendem conduzir grandes massas a feitos consideráveis em âmbito nacional. Por isso, vale a pena dedicar algumas linhas a essas figuras integralistas de destaque.

PLÍNIO SALGADO

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Docente do Instituto Federal do Paraná – IFPR/Jacarezinho; Bolsista CAPES.

O Chefe nacional da AIB desde cedo percebeu que poderia se valer dos escritos e, quiçá, da fala, para alcançar seus objetivos ideológicos e profissionais. Proveniente de uma família imbricada na política local de São Bento de Sapucaí, onde nasceu em 1895, Plínio desde jovem se lançou no seio da prática política. Jornalismo e política sempre fizeram parte de sua vida, como fica explícito ao se verificar que aos 21 anos fundou o semanário *Correio de São Bento*, e, dois anos mais tarde, participou da organização do Partido Municipalista, ambos em sua cidade natal (OLIVEIRA, 2009, p. 69).

Autodidata, Plínio era leitor voraz, tanto de obras estrangeiras como nacionais. Com o tempo, afirmaria que, embora encontrasse qualidade nas obras forasteiras, as brasileiras deveriam ser valorizadas e apreciadas. O apego à literatura interna é marco relevante na formação de seu nacionalismo, o que fica evidente no teor da doutrina integralista, na qual se extrai, sem dificuldade, contribuições de Alberto Torres, Oliveira Vianna, Euclides da Cunha e Farias de Brito. Alexandre Batista ajuda a entender muito da primeira etapa da vida de Salgado:

A admiração de Plínio Salgado pelas questões da pátria, pelos heróis nacionais, pelo civismo e pela política, de acordo com as reminiscências do próprio, começou ainda em âmbito familiar. Sua formação moral e cívica foi tutorada pelo avô, pela mãe e, principalmente, pelo pai, Francisco das Chagas Esteves Salgado, autoridade política de São Bento do Sapucaí. A convivência com seu pai, no entanto, foi curta, pois o mesmo faleceu quando Salgado tinha quinze anos. Apesar disso, foi o suficiente para que o futuro líder integralista internalizasse as lições a respeito dos “heróis da pátria” e do “sentimento de brasilidade”. Somado aos ensinamentos do pai, às lições da mãe, Salgado lembrava dos ensinamentos provenientes da literatura. Assim, Salgado foi educado pelas vias do civismo e do culto aos “heróis nacionais” (2006, p. 43).

Parece, pois, que a influencia familiar iniciou Plínio no gosto pelas fontes brasileiras (em especial sua mãe, professora, que lhe passou noções de História do Brasil, História Sagrada, francês e Geografia), pela política (aqui pesa a imagem e a lembrança do pai) e pela religião. Esta última se intensificou quando, jovem, em 1919, enfrentou o falecimento de sua esposa, relação que lhe deixou a única filha, Ana Amélia Salgado. Em profunda crise pessoal, voltou-se para a religião, buscando reconstruir sua espiritualidade nas obras de Farias de Brito e Jackson Figueiredo. Portanto, antes de completar vinte anos, o futuro Chefe dos camisas-verdes adquiria experiência de vida considerável, perdendo o pai e a esposa, tendo que abandonar os estudos e trabalhar para sustentar sua filha.

Depois de atuar como jornalista e já ter as primeiras experiências políticas, ainda em sua cidade natal, partiu para São Paulo, a fim de recomeçar. Desde suas primeiras atividades, nunca mais a imprensa deixaria de fazer parte de sua rotina, já que passou por vários periódicos durante toda sua vida, destacando-se o fato de ter sido responsável pela organização de um dos maiores conglomerados jornalísticos dos anos 1930, o Sigma Jornaes Reunidos.¹

Na capital paulista logo entrou para os quadros do jornal *Correio Paulistano*, órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP), travando amizade com Menotti del Picchia, o redator-chefe. Desse contato, em pouco tempo estava nas fileiras do modernismo, juntamente com Candido Mota Filho e Cassiano Ricardo, primeiramente no movimento Verde-amarelo, grupo oposicionista à corrente majoritária Pau-Brasil, momento no qual seu veículo de divulgação de ideias era o *Correio Paulistano*. Dos artigos aí publicados saiu uma obra coletiva (Plínio Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), intitulada *O Curupira e o Carão*.

Em 1928, o nacionalismo extremista do verdeamarelismo recrudescer, culminando no Manifesto da Anta, marcado por um ufanismo xenofóbico, formado porque discordava da linha “afrancesada” do modernismo, representado pelo Pau-Brasil, acusando-o de adotar uma postura nacionalista “exterior”, ao passo que Salgado defendia um nacionalismo “interior”, e a anta seria símbolo da nacionalidade (TRINDADE, 1979, p. 44-45). Plínio participou também da revista *Klaxton*, o mais importante veículo de comunicação do movimento modernista nos primeiros anos.

Dentro desses círculos paulistanos, compreendeu a importância da palavra no embate político, o que o levou também à literatura. Ainda que como romancista tenha sido criticado nos anos 1920, pois o acusavam de impregnar a literatura de teor político, o que não era muito aceito na época, é inegável a qualidade de seus escritos. *O Estrangeiro* (1926), seu primeiro romance, esgotou-se em 15 dias, e ali se iniciou sua atividade como escritor engajado. O próprio Plínio, em 1935, já na obra doutrinária *Despertemos a Nação*, afirmou sobre sua produção romanesca:

O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do

¹ Esse consórcio deve ser relativizado, pois apesar de contar com imensa quantidade de periódicos que se ligavam a ele, não se tratava de uma organização centralizada, já que não se encontra referências físicas sobre sua existência. Cada periódico se mantinha com recursos próprios, diferentemente do que acontecia com os Diários Associados de Assis Chateaubriand (OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. “Perante o tribunal da História”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Porto Alegre, RS: PUCRS, 2004, p. 124).

Avanhandava. (...) Em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonei esta batalha. O drama do meu povo apoderou-se de mim (SALGADO, 1935, p. 5).

Neste trabalho já é evidente a veia nacionalista, mas ainda não havia traços de uma simpatia pelo fascismo, algo observável apenas em *O Esperado* (1931). Publicado após seu retorno da Europa, oportunidade em que esteve pessoalmente com Mussolini, apontava o fascismo como realidade e possível caminho a seguir (ATHAÍDES, 2012, p. 65). Santos delinea bem a transição que sofria o pensamento pliniano, ainda perdido entre dois mundos: o pré e pós seu contato com o regime fascista:

O Esperado marca-se por uma tensão que percorre a narrativa em todos os momentos, caracterizada pelo conflito entre modernidade e tradição, entre o projeto estético que se torna hegemônico no campo intelectual a partir de 1922 e os projetos passadistas, mas que, muitas vezes, se harmonizam no campo político. Redigido entre o final dos anos 20 e início dos 30, absorve e desenvolve uma série de pressupostos modernistas para consolidar uma perspectiva literária com intenções políticas e envolvida pela ruptura estética, mas que irá recorrer a uma noção conservadora de tradição para subsidiar seu projeto político (2007).

Independente do período, no caminho das letras, Salgado angariou apoios políticos de peso, o que lhe rendeu, por exemplo, sua vitória nas eleições para deputado estadual em 1927. Plínio aprendeu a lidar com a palavra escrita e a se valer de suas potencialidades, escrevendo crônicas, ficções, artigos políticos e teorias. Foi no jornalismo e na literatura que o homem político se formou e exerceu sua influência, o que o levaria a agregar em torno de si diversos intelectuais que passariam a compor as fileiras da AIB anos mais tarde.

A trajetória ideológica pré-integralismo de Salgado foi marcada pela incorporação do nacionalismo proveniente de sua experiência modernista, como intelectual e jornalista, o que o levou a se desligar do PRP. Via nos numerosos partidos um dos males da nação, que se perdia em meio a regionalismos oligárquicos ignorando o país como um todo, o Brasil integrado e integral. Desiludido com a política nacional e com o Partido Republicano, viajou pela Europa entre abril e outubro de 1930, financiado pelo amigo Alfredo Egídio de Souza. Voltando a São Paulo se dedicou ao jornalismo político, no jornal *A Razão*, escrevendo coluna diária que funcionava como editorial – Nota Política. Neste espaço alicerçou as bases ideológicas que mais tarde estariam presentes na AIB, pois o grupo inspirado em seus escritos, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), foi formado, considerado antecâmara do integralismo.

Como bem explica Trindade (1979, p. 78-95), foi em *A Razão* que Plínio afinou sua prática jornalística no campo político. Mentor do jornal, lançou as bases do nacionalismo

integral, desprezando o regionalismo e demonstrando sua aversão ao liberalismo. Empastelado em maio de 1932, *A Razão* deixou de existir, mas tinha plantado raízes que logo se manifestariam na AIB. Ao mesmo tempo, Plínio contribuía com a revista antiliberal e de cunho fascista *Hierarchia*,² dirigida por Lourival Fontes, o que já denunciava seu apreço pelos regimes autoritários de extrema direita, posto que a revista desnudava sua admiração pelo regime fascista, tanto que tem o seu próprio nome inspirado no órgão oficial do fascismo italiano.

É tão clara a importância da imprensa para Plínio que a utilizou como ferramenta principal de luta ideológica e política enquanto existiu a AIB. Caracterizado por um cunho político, o jornalismo integralista devia muito às práticas de seu chefe, formado politicamente nas rédeas do texto literário e, principalmente, jornalístico, trajetória iniciada ainda na juventude em São Bento do Sapucaí e que se manifestaria a partir daquele momento num complexo jornalístico que colocou em circulação mais de uma centena de jornais e revistas entre 1932 e 1938. A semente dava frutos.

GUSTAVO BARROSO

Cearense de Fortaleza, nascido em 29 de dezembro de 1888, Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso teve uma infância em ambiente de alto nível cultural. Seu pai, Antonio Felinto, convivia com figuras de destaque do ambiente intelectual, como Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Childerico de Faria, Frederico Borges e Araripe Jr. Juntos, fundaram a Academia Francesa de Letras, em Fortaleza, no ano de 1872. Sua mãe era diplomada pela Escola Normal de Hamburgo, mas não pôde contribuir diretamente com a sua formação, pois faleceu sete dias após o parto.

Luiz Mario Costa resume da seguinte maneira a ambivalência de sua primeira formação:

Embora tenha nascido no seio de uma família tradicionalista e conservadora, não teve uma formação tão religiosa. Sua infância foi influenciada inicialmente pela irmã mais velha de seu pai, que tinha bastante leitura e o espírito romântico da cultura oitocentista. Falava muito em Lamartine, em Victor Hugo, na Revolução Francesa, em D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Maciel Monteiro. Outra fonte de influência foi exercida por seu padrinho de batismo, anteriormente um voluntário de Pátria, ferido em Itororó, que frequentemente narrava ao menino suas memórias da Guerra do Paraguai. Por isso, sua formação familiar foi bastante contraditória, oscilava entre a religião e o ateísmo, enquanto a avó e uma das tias eram católicas praticantes e o levavam à Igreja, o pai era ateu e a outra tia costumava citar Draper n'

² Da revista *Hierarchia* participaram futuros dirigentes e intelectuais da AIB, como Santiago Dantas, Helio Vianna, Olbiano de Mello, Madeiras de Freitas e Antonio Galotti.

Os Conflitos da Ciência com a Religião. Foi batizado, mas só faria a primeira comunhão para se casar, tendo sido educado num colégio leigo onde os alunos tinham rixa com um colégio religioso (2009, p. 57-58).

Foi uma criança como as outras de seu tempo. Cresceu num país que começava a pôr em evidência seus “heróis”, numa época marcada por guerras, o que concedeu a vários militares esta alcunha. Seu sonho de jovem era ser do exército, gostaria de ter cursado o Colégio Militar, mas seu pai o proibiu. Em Barroso, este ambiente de recorrente violência envolvendo o exército e a polícia, causou comportamento agressivo quando menino, tanto que era comum arranjar confusão pelas ruas, organizando batalhões de crianças que se encaravam com pedras e paus. Marcia Regina Carneiro conta que, certa vez, quando Barroso recebeu uma chicotada de um carroceiro português, revidou com extrema violência, ferindo-o com um ancinho, chegando a desacordá-lo. Não aceitava um menino brasileiro ser agredido por um estrangeiro. Mostrava, enquanto jovem, sua faceta nacionalista e xenófoba. Esse gosto pelo uso do físico levou-o a associar-se a um cobrador, atividade essa que exercia com vigor, afirmando que não havia devedor que se aguentasse em suas mãos (2002).

Seu porte de liderança também apareceu na infância. Fundou, nessa época, uma maçonaria de crianças, imitando até mesmo os ritos que observava de cima do telhado. Durante o curso de Direito, em Fortaleza, fundou uma República para abrigar colegas que eram perseguidos por policiais nas ruas, afinal, eram simpáticos ao socialismo. Apesar de seu apego à força e ao militarismo, aos poucos exibiu sua sensibilidade, passando a frequentar rodas literárias e reuniões políticas. Para sobreviver pintava aquarelas, desenhava capas de livros e retocava retratos para um fotógrafo, além de trabalhar como professor primário e secundário em uma escola.

Era uma etapa de transformação em seu comportamento. Deixava de lado a tendência à delinquência e se dedicava aos estudos e trabalhos, ocasião em que iniciaria sua atividade jornalística e, desse contato, perceberia o poder dos impressos na vida pública. Valendo ainda das assertivas de Marcia Carneiro, é possível observar essa transmutação do jovem agressivo para o adulto político:

No dia 11 de outubro de 1906, o jornal *A República* publicou seu primeiro artigo. Sob o pseudônimo de Nautilus, escreveu sobre o Descobrimento da América. Seria seu primeiro contato com a literatura histórica, a qual dedicou-se pelo resto de sua vida. Aos 21 anos de idade faria a sua primeira conferência pública numa sociedade literária. Durante essa fase de sua vida, dedicou-se aos estudos, alcançando notas altas, com distinção, na Faculdade de Direito do Ceará. Barroso teria pouco mais de 20 anos quando, em 1914, a Livraria Garnier deu-lhe a incumbência de traduzir *Fausto* de Goethe. A tradução, que foi publicada em 1920, mereceu elogios de Sérgio Buarque de Holanda. Segundo Barroso, não teria traduzido a 2ª parte porque o obrigaria

“a meditar sobre tudo e sobre alguma coisa mais que tudo” Lia livros de todas as espécies, tanto em francês como em inglês. Admirava Alexandre Herculano e Eça de Queiroz e recitava Gonçalves Dias, Castro Alves e Bilac (Idem).

Como colaborador do *Jornal do Ceará*, adotou estilo irreverente e contestador, o que o levou a um embate com o redator-chefe, que exigiu sua saída. Ainda fundou os jornais *O Garoto*, *O Regenerador* e *O Equador*, participando, ademais, dos *O Unitário*, *O Colibri*, *O Figaça* e *O Demolidor*. Em 1910 transferiu-se para o Distrito Federal, centro cultural do país, onde estavam os escritores mais renomados. Em pouco tempo tornou-se representativo na imprensa carioca, com a qual colaborava desde que residia no Ceará, sob o pseudônimo João do Norte. Foi correspondente do *Correio Paulistano*, e em 1913 passou a ocupar o cargo de redator no *Jornal do Commercio*. Com a eleição de seu primo para presidente do Ceará, foi convidado para assumir a redação do *Diário do Estado* e o cargo de Secretário de Interior e Justiça, em 1914, ficando até 1916, quando se tornou diretor da revista *Fon-Fon* (COSTA, 2009, p. 61-62). Ainda colaborou com as revistas *Seleta*, *Ilustração Brasileira*, *A Manhã* e *O Cruzeiro*.

Assim como Plínio, Barroso dedicou-se à vida literária, ao mesmo tempo em que frequentava os salões do poder, no qual assumiu diversos cargos administrativos durante a década de 1920. Seu primeiro livro foi *Terra do sol* (1912), seguindo-se muitos outros. Não se sabe ao certo quantas obras Gustavo Barroso publicou entre os anos 1920-1930, mas é sabido que foi um dos autores que mais produziu. Destacam-se, além dos romances, seus trabalhos sobre História Militar e sobre os considerados heróis brasileiros. Sua obra fala do caboclo, do sertanejo, do homem rústico do interior do Ceará. Enfatizava no regional, o caráter nacionalista, já evidenciando o posicionamento que o levaria à AIB poucos anos depois (CARNEIRO, 2002).

Nessa valorização da cultura interiorana e regional, percebeu que as dimensões do país faziam emergir distintas manifestações folclóricas, resultado da miscigenação entre raças e da diversidade cultural entre os índios. Isto é, já atentava para o fato de que os índios brasileiros não eram apenas um povo, mas vários. Por isso dedicou muitos de seus livros ao entendimento do folclore, como *Através dos Folk-lores* (1927) e *Colunas do tempo* (1932).

Em face do exposto, podemos considerar o Brasil, na perspectiva de Barroso, como um país sincrético, com uma formação étnica e cultural que impedia a elaboração de uma classificação restrita apenas aos aspectos das raças formadoras de nosso país: a indígena, africana e a branca. Desta maneira, o que deveria ser observado eram os aspectos culturais da formação histórica do Brasil, na medida em que, por exemplo, os índios aqui encontrados não pertenciam a uma raça única, apresentando, significativas diferenças culturais e linguísticas. Conforme defendeu Barroso a observação

dos aspectos culturais seria condição *sine qua non* para a compreensão dos símbolos construídos nos contos, lendas e outras manifestações folclóricas. O Brasil, muito mais que um país miscigenado racialmente, era um país sincrético (COSTA, 2009, p. 66).

Barroso era um homem culto, com boas amizades, membro da Academia Brasileira de Letras e com trânsito palaciano. Por outro lado, sempre teve um desejo reprimido: o de ser um militar, o que o levou a aproximar-se do militarismo por meio dos escritos e da História. Essa ambivalência se refletiu em sua personalidade, configurando um homem ilustrado e polido, mas duro e, se necessário, agressivo. Manifestou sua radicalidade nos escritos antissemitas, especialmente quando já era dos quadros integralistas, quando pôde, por vias tortuosas, realizar seu sonho ao exercer atividade tipicamente militar, assumindo a milícia dos camisas-verdes.

O amadurecimento intelectual de Barroso passou, necessariamente, pelo jornalismo e literatura, atividades que lhe seriam tão caras no exercício do poder dentro da AIB. Mais uma vez fica explícito como as experiências precedentes dos líderes integralistas contribuíram para a valorização da imprensa como recurso de doutrinação. No caso de Barroso, não foi diferente.

MIGUEL REALE

O mais jovem dos três principais homens da AIB foi o que menos teve contato prévio com a imprensa e a literatura. Tal realidade se deve a sua juventude à época de ingresso na AIB, quando se encontrava com 22 anos. A verdade é que Reale se dedicou, de fato, ao jornalismo e aos escritos teóricos, quando tomou parte nas fileiras do integralismo, em 1932. Ao contrário de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, que já possuíam ampla experiência nessas áreas, o jovem Reale aprenderia a lidar com isso ao mesmo tempo em que se dedicava ao movimento político e à vida de recém-formado bacharel em Direito.

Nascido na mesma cidade do Chefe dos camisas-verdes, em São Bento do Sapucaí, no dia 6 de novembro de 1910, era filho o Dr. Brás Reale e de D. Felicidade Chiaradia Reale, tendo como avós paternos o Dr. Alfonso Reale e D. Teresa Giordano e como avós maternos o Major Miguel Chiaradia e D. Ana Vieira da Rosa Góes. Com o falecimento do Major Chiaradia, sua família transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde seu pai, antigo oficial médico do exército italiano, resolveu montar um consultório-farmácia (algo bem comum à época) próximo ao mar, no que não deu sorte, pois numa noite as águas marinhas invadiram o estabelecimento destruindo tudo o que havia ali.

Mudaram-se, então, para a cidade mineira de Itajubá, local onde Reale passou sua infância e realizou seus estudos primários no colégio Nossa Senhora da Glória. Aos 22 anos, mais uma vez deslocou moradia, a fim de realizar sua formação secundária no tradicional colégio Dante Alighieri, de São Paulo, na época totalmente voltado à difusão não apenas da cultura italiana, como também da ideologia fascista (BERTONHA, 2012, p. 2-3). Embora seja tentador transferir automaticamente o fascismo para a ideologia realeana, até porque quase toda sua ascendência familiar fosse italiana, Bertonha prefere matizar:

Essa origem italiana não significava, é claro, algum tipo de vinculação automática ao regime então dominante na Itália. Mas a sua socialização na Dante Alighieri, sua fluência na língua italiana e o seu contato com a cultura daquele país com certeza influenciaram a sua visão de mundo e permitiram a ele acesso a informações e debates relacionados ao fascismo italiano a que outros líderes integralistas teriam tido mais dificuldades para acessar (Idem, p. 3)

O autor está correto em fazer essa ponderação, afinal, Reale, no colégio paulista, teve contato com alguns professores e colegas que nutriam ideais socialistas e marxistas (mesmo dentro do Dante Alighieri), tornando-se adepto da esquerda, ao mesmo tempo em que tomava ciência e gosto pelas discussões sobre a brasilidade, tendo contato com o modernismo que afluía vigorosamente. Na faculdade de Direito, no Largo de São Francisco, tornou-se um dos líderes marxistas, autodenominando-se “marxista liberal”, preocupado com os problemas sociais em detrimento de soluções jurídico-formais (FERREIRA, 2006, p. 47).

Diante do golpe de 1930, faz uma releitura da realidade e adere ao movimento constitucionalista, preocupado com o avanço do comunismo. Para ele, o ideal socialista democrático não comportava a desordem que vinha se estabelecendo, o que o levou a redigir o ensaio *A crise da liberdade*, em que procurou emancipar-se de Marx, atitude não inesperada, visto que seu marxismo sempre fora revisionista, não se ligando a nenhum teórico especificamente e muito menos se alinhando com trotskistas ou stalinistas. Como apontou Adriano Ferreira, esse percurso culminou no abandono do caminho marxista e sua ligação a outro movimento político que emergia, o integralismo, no qual Reale se manteve até 1943, quando dele também se desligou, aceitando o convite de Vargas para aderir ao Estado Novo, trabalhando no Departamento Administrativo do Estado de São Paulo, função exercida até o início de 1945, quando se retirou ao perceber a desagregação do governo varguista (Idem, p. 48).

Percebe-se, portanto, que diferente de Plínio e Barroso, Reale não desfrutou de formação jornalística anterior, o que, contudo, não significa seu desprezo aos impressos como

meio político eficaz. Tanto isso é verdade que, ao filiar-se à AIB, logo se dedicou à imprensa, inclusive dirigindo dois dos principais periódicos integralistas, a revista *Panorama* e o jornal *Ação*. Além disso, pôde-se observar sua tendência às discussões políticas e sociais, já que desde muito jovem procurou se ligar a movimentos ideológicos e políticos, tornando-se líder por onde passou. Essas características o fizeram grande teórico e figura dos camisas-verdes, bastante respeitado e com certa autonomia de pensamento dentro do movimento. Se nesse caso específico a semente do jornalismo não foi plantada previamente, não deixou de dar rápidos frutos durante a existência da AIB.

OUTROS LÍDERES

A Ação Integralista Brasileira não existiu apenas em função dos três principais líderes. Ainda que a importância de Salgado, Barroso e Reale seja inegável, outros nomes se destacaram entre teóricos e lideranças do movimento, sendo muitas vezes tão idolatrados quanto os três citados, levadas em conta as questões regionais. Dentre eles vale a pena elencar Santiago Dantas, Olbiano de Mello e Madeira de Freitas, escolha feita por conta da grande atividade desses sujeitos no movimento.³ É notório que alguns outros nomes poderiam ser citados, mas os critérios aqui estabelecidos impuseram limites, sob o risco de se formar uma lista muito grande, que abrigasse todos que tiveram certa visibilidade na AIB. Como o objetivo aqui é demonstrar como imprensa e política e, em muitos casos, a literatura, fizeram parte da formação dos principais líderes integralistas, a seleção de tais figuras cumprem o proposto.

Francisco Clementino de Santiago Dantas nasceu no bairro do Botafogo, Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 30 de agosto de 1911, filho do almirante Raul de Santiago Dantas e de Violeta de Melo de Santiago Dantas. Seu pai foi comandante-em-chefe da Esquadra de 1949 a 1951 e chefe do Estado-Maior da Armada de 1951 a 1953. Assim como Reale, ainda era muito jovem quando iniciou suas atividades intelectuais e políticas, o que de fato ocorreu quando ingressou na Faculdade Nacional de Direito, em 1928, no Distrito Federal. Ali conheceu seu grupo, seus amigos da vida toda como dizia ele: Antonio Gallotti, Gilson Amado, Américo Lacombe, Hélio Vianna, Plínio Doyle, Octávio Faria, Chermont de Miranda e Thiers Martins Moreira (MOREIRA, 2012, p. 21).

³ Nomes como os de Helio Vianna, Thiers Martins Moreira, Raimundo Padilha, Loureiro Jr. e Antonio Gallotti devem ser destacados. Assim como os apresentados nessa seção, tiveram envolvimento com a arte escrita e o jornalismo, obtendo cargos públicos por onde passaram. Suas trajetórias podem ser acompanhadas no acervo online do CPDOC - <http://cpdoc.fgv.br/>.

Durante o curso entrou em contato com as ideias contrárias ao liberalismo e fundou, com um grupo de amigos, um centro de estudos jurídicos, o CAJU, que reuniu um número expressivo de alunos, inclusive de outras faculdades, tendo, entre seus membros, pessoas como: Vinicius de Moraes, Octávio de Faria e Américo Lacombe. Observa-se que era uma característica comum desses intelectuais integralistas exteriorizarem comportamento de liderança, formando, desde a juventude, grupos, movimentos e periódicos em torno de si.

Dantas também participou da revista católica *A Ordem*, além de, ao lado de Plínio Salgado e Alfredo Egídio de Souza Aranha, fundar e dirigir o jornal *A Razão*, que defendia o aprofundamento do processo revolucionário iniciado em 1930, indo contra a ideia de reconstitucionalização do país. Em seguida, teve papel de destaque na revista *Hierarchia*, da qual participaram muito dos futuros líderes da AIB. Ainda em 1932, tornou-se, simultaneamente, professor catedrático interino na Escola Nacional de Belas Artes e funcionário de alto cargo no Ministério da Educação, tendo boa circulação entre a intelectualidade e o poder cariocas. Sua capacidade jornalística era reconhecida pela AIB, tanto que se tornou o diretor da Secretaria Nacional de Imprensa do movimento.

Com a radicalização dos conflitos com a ascensão da ANL em 1935, Dantas aos poucos se desligou da AIB, dedicando-se mais à docência e ao direito, tanto que, em 1938, ocupou duas cadeiras na faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, afora ter se tornado um dos mais prestigiados advogados do país.

Olbiano de Mello nasceu no município de Teófilo Otoni (MG) em 12 de dezembro de 1892, filho do capitão José Gomes de Melo e de Ana Antônio de Sousa Melo. Formou-se em odontologia e farmácia, tendo que interromper o curso de medicina por problemas de saúde. A partir de 1925 foi diretor da Secretaria da Câmara Municipal de Teófilo Otoni e, pouco depois, membro da comissão executiva municipal do Partido Republicano Mineiro (PRM), cargos que largou por conta das atitudes do partido, que não seguia uma linha ideológica e programática, pautando-se por interesses familiares.

Mello era jornalista e escritor em Minas Gerais quando adotou, em 1929, a doutrina fascista. Em seguida dedicou-se aos escritos, quando, em 1930,

publicou *A república sindicalista dos Estados Unidos do Brasil ou esboço dum Estado sindical corporativo* e, no ano seguinte, *Comunismo ou fascismo*, obras que obtiveram grande repercussão e suscitaram elogios dos ministros da Justiça e Negócios Interiores, Osvaldo Aranha, e do Trabalho, Lindolfo Collor. Nesses livros, Olbiano defendia um regime fascista adaptado às condições brasileiras como solução para o problema social, e, segundo ele, o Governo Provisório formado depois da vitória da Revolução de 1930 baseou-se neles para elaborar a legislação trabalhista e de previdência social, bem como para incluir a representação classista na

composição da Assembleia Nacional Constituinte convocada em 1933 (CPDOC-Verbetes).

Por conta de seus trabalhos, em 1932, Olbiano recebeu carta de Plínio Salgado, que o parabenizava pelas ideias e o comunicava do lançamento da Sociedade de Estudos Políticos, além de convidá-lo para contribuir com o jornal *A Razão*. Após a derrota do levante paulista em 1932, recebeu telegrama de Plínio sobre a fundação da AIB, movimento que passou a fazer parte, fundando núcleos em Minas Gerais e participando das reuniões de cúpula para elaboração dos Estatutos e dos simbolismos da AIB.

Por fim, é interessante tratar de José Madeira de Freitas, figura de peso nas hostes integralistas. Nascido em Alfredo Chaves (ES), no dia 3 de abril de 1893, filho do juiz João Madeira de Freitas e Maria Elisa Madeira de Freitas, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1910 para estudar medicina, formando-se em 1917. Para completar a mesada paterna vendia paisagens em grãos de arroz, até tornar-se editor de arte e único desenhista da revista *Rio Ilustrado*, em 1913. Madeira de Freitas teve grande participação na imprensa da época e escreveu livros bastante comentados na década de 1920, o que lhe rendeu popularidade.

Em 1917, quando começou a colaborar regularmente com a revista *Dom Quixote*, editada por Bastos Tigre, adotou o pseudônimo Mendes Fradique, em alusão ao personagem de Eça de Queiroz, Fradique Mendes. Ali publicou regularmente os capítulos da *História do Brasil pelo Método Confuso*, que ganhou notoriedade e foi editado em livro no ano de 1920. Marcado por uma ironia ácida e sagaz, Madeira de Freitas era resultado dos seus círculos de amizade, grupos que se encontravam na Confeitaria Colombo e eram típicos boêmios cariocas (FIGUEIREDO, 2012, p. 62-65).

Conviveu com outros humoristas e escritores, como o próprio Bastos Tigre e, principalmente, seu grande amigo, o poeta satírico, Emilio de Menezes, sem mencionar Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Em 1916 já sustentava grande prestígio, tanto que participou do Primeiro Salão dos Humoristas, realizado no Liceu de artes e Ofícios do Rio de Janeiro, ao lado de artistas como Di Cavalcanti, e voltou a estar presente no Segundo Salão, em 1919.

Nos anos 1920, enveredou para um catolicismo fervoroso e se aproximou das ideias autoritárias, já insinuando suas preferências da década seguinte. Colaborou ainda com a *Gazeta de Notícias* e *O Jornal*, publicações nas quais criticava os símbolos da modernidade carioca, como o jazz, arranha-céus, automóveis, dólar, luta de boxe e o carnaval. Embora já demonstrasse uma aproximação às questões políticas, ainda manteve rotina de publicações humorísticas pelo seu método confuso, como as obras *Feira livre — antologia nacional pelo método confuso* (1923), *Contos do vigário* (1923), *A lógica do absurdo* (1925, 1926), *Doutor*

Voronoff (1926), *Gramática portuguesa pelo método confuso* (1927), e *Ideias em zig-zag* (1928).

Com estilo excêntrico, Madeira de Freitas foi um dos poucos cartunistas de seu tempo que veiculou textos e imagens conjuntos. Soube, ainda, mesclar humor e política de maneira crítica e atraente, tanto que travou duelo na imprensa carioca com outro humorista, Apparício Torelly, mais conhecido como o Barão de Itararé. Se por um lado Madeira de Freitas viu no integralismo uma alternativa para ajustar o “Brasil confuso”, por outro, Barão de Itararé vestiu a camisa do militante de esquerda, pronto sempre a debochar do governo e da oposição, da Academia Brasileira de Letras e do papa em seu jornal *A manhã*.

Foi, no entanto, em 1934, após o conflito da Praça da Sé, entre comunistas e integralistas, que esses dois humoristas travariam seu maior duelo.⁴ Freitas como redator-chefe do jornal integralista *A Offensiva* e, Torelly, como diretor do *Jornal do Povo* (porta-voz oficioso do PCB). Nestes periódicos se digladiaram com críticas e ofensas recíprocas, esforçando-se para macular a imagem doutrinária a qual se opunham. Não se sabe exatamente se foi o Barão de Itararé que cunhou o termo “galinhas verdes” para se referir aos integralistas, mas é certo que se esforçou muito para disseminar o rótulo. É curioso observar essa contenda entre ambos, já que tinham origens parecidas. Vinham de outras províncias para a capital do país, estudaram medicina e alimentavam pretensões científicas, Freitas pesquisando diabetes e Torelly a febre aftosa.

Não só as origens os aproximavam, mas o destino também. Pagaram caro por suas colocações políticas em ambiente tão tenso. Foram presos por conta das insurreições de seus respectivos grupos, Barão de Itararé após a chamada Intentona Comunista (1935) e Fradique em consequência do *putsch* integralista, em 1938, após a formação do Estado Novo. Este último, de escritor humorístico, tornou-se militante belicoso, que escondia granadas entre as roupas da gaveta (Idem, p. 65). Sofreu um derrame após sua prisão, o que prejudicou muito sua saúde. Faleceu sozinho, em seu apartamento, no dia 25 de fevereiro de 1944, deixando esposa e três filhas.

⁴ No dia 7 de outubro de 1934, na cidade de São Paulo, mais precisamente na Praça da Sé, centro da metrópole paulista, houve um violento e sangrento confronto entre integralistas e antifascistas (comunistas, anarquistas e sindicalistas), a “Batalha da Praça da Sé”. Esse acontecimento concentrou um amplo leque de forças políticas e sociais e foi um importante momento da luta antifascista no Brasil, integrando uma série de eventos mundiais nos quais chocaram-se violentamente fascistas e antifascistas, como o que aconteceu em Paris em fevereiro daquele ano. Para mais informações ver CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)*. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 354-388.

É notório, pois, o engajamento político, literário e jornalístico de muitos líderes da AIB, como ficou patente acima. Buscou-se aqui apontar que a imprensa integralista, de caráter claramente político, foi resultado direto de experiências anteriores, posto que grandes nomes dos camisas-verdes se formaram politicamente exercendo atividades nesse ramo. Ficou patente que a imprensa, naquele momento, era ferramenta usual dos conflitos políticos, o que não difere os integralistas dos outros grupos, contudo, nenhum outro movimento soube utilizar tão bem o periodismo em seu favor, colocando em circulação mais de uma centena de publicações que eram, no limite do possível, controladas de perto pelo aparato burocrático da AIB.

Essa organização bastante rígida, aliada ao prévio amadurecimento intelectual e político das lideranças, contribuiu sobremaneira para a estruturação da imprensa dos camisas-verdes, que foi usada pontualmente, com objetivos bem traçados, a fim de obter resultados políticos satisfatórios. De fato, a estratégia funcionou bem, mas como na História os acontecimentos não se dão linearmente, alguns estratagemas adotados pelos integralistas no ano de 1937 os desviaram do caminho planejado, o que levou ao desaparecimento da AIB, em dezembro daquele ano, com a entrada do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Referências Bibliográficas

- ATHAÍDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos*. Curitiba: UFPR, 2012. (Tese em História)
- BATISTA, Alexandre Blankl. *“Mentores da Nacionalidade”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias de Brito por Plínio Salgado*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Dissertação em História)
- BERTONHA, João Fábio. O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro. Texto apresentado no *54º Congresso Internacional de Americanistas*, Viena (Austria), 15 a 20/7/2012, mesa “Corporatist States and Ideas in Europe and Latin America: Counter and Pro-Mobilisation, Catholicism and Transfer (Austria, Portugal, Brazil and Argentina in the 1930s and 40s).
- CARNEIRO, Márcia Regina. Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde. In. *X Encontro Regional de História – ANPUH/RJ*. Universidade do Rio de Janeiro. 2002. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=312>. Acesso em 18 jan. 2013.
- COSTA, Luiz Mário Ferreira. *Maçonaria e antimacônica: uma análise da “História secreta do Brasil” de Gustavo Barroso*. Juiz de Fora: UFJF, 2009. (Dissertação em História)

- FERREIRA, Adriano de Assis. O Marxismo de Miguel Reale. *Prisma Jurídico*, São Paulo, vol. 5, p. 45-58, 2006.
- FIGUEIREDO, Cláudio. Humor e Política nos anos 30. *Piauí*, n° 64, jan. 2012, p. 62-65.
- MOREIRA, Gabriel da Fonseca. *Em busca da esquerda esquecida: San Tiago Dantas e a frente progressista*. Rio de Janeiro: FGV, 2012. (Dissertação em História)
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2009. (tese de doutorado)
- _____. *“Perante o tribunal da História”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2004. (Dissertação em História)
- RAMOS, Alexandre Pinheiro. Estado, Corporativismo e Utopia no pensamento integralista de Miguel Reale (1932-1937). *Revista Intellectus*, ano 7, vol. 2, p. 1-22.
- SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- SANTOS, Robson dos. A estética política – literatura e sociedade em *O Esperado*, de Plínio Salgado. *Revista Urutágua*, n° 12, abril/julho 2007. Disponível em <www.urutagua.uem.br>. Acesso em 18 jan. 2013.
- SILVA, Dangelis Nassar da. *A interpretação do Brasil da obra de Plínio Salgado (1926-1937)*. Marília, SP: UNESP, 2007. (Dissertação em Ciências Sociais)
- TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.